

'Fabelmans', de Spielberg, ganha uma nova chance

PÁGINA 3



Os corpos desconstruídos pela exploração

PÁGINA 5



Henrique Rodrigues potencializa as falas da população negra

PÁGINA 8



## 2º CADERNO

Divulgação



Imagem de John Lennon em 1980, meses antes de seu assassinato

**'Minha obra só vai terminar depois que eu estiver morto e espero que isso demore muito'**

Série revisita morte do ex-beatle com suas últimas palavras e fala do assassino

Por André Barcinski (Folhapress)

**A** Apple TV estreou nesta quarta-feira (6) em sua grade a minissérie documental "John Lennon: Assassinato Sem Julgamento", que investiga as circunstâncias do assassinato de Lennon por Mark David Chapman, ocorrido em 8 de dezembro de 1980 na calçada do edifício Dakota, em Nova York, onde o ex-Beatle morava com Yoko Ono.

Dividida em três episódios de cerca de 40 minutos cada, a minissérie levou dois anos para ser produzida e traz depoimentos inéditos de testemunhas do crime, como um motorista de táxi que presenciou o assassinato e um porteiro do edifício Dakota.

"Nosso objetivo foi contar a história de forma completa", diz com exclusividade à reportagem o codiretor, junto a Nick Holt, e produtor executivo da minissérie, Rob Coldstream. "Para isso, fomos atrás de todos que tiveram alguma relação com o crime, de todas as pessoas que testemunharam o acontecimento, e descobrimos que algumas delas nunca tinham sido entrevistadas."

Continua na página seguinte

## CORREIO CULTURAL

Leo Rosario/Divulgação TV Globo



O vínculo de Regina com a emissora tinha 40 anos

## Regina Casé deixa de ter contrato fixo com a Globo

Regina Casé não tem mais contrato fixo com a Globo, algo que manteve durante 40 anos, durante boa parte de sua carreira como atriz. “Estou na Globo há mais de 40 anos, nunca deixei de trabalhar, tanto dentro e fora da emissora, quando em cinema e teatro. De lá para cá, vivi diversos momentos, diversas mudanças de gestão,

formas de trabalhar e fazer. (...) Houve uma mudança no modelo de contrato da Globo, mas é como se não houvesse, porque continuo trabalhando aqui, e fora”, disse Regina, que fez sucesso este ano como Zoé em “Todas as Flores”. “Começo 2024 com dois novos projetos já programados na própria Globo”, acrescentou ela.

## Taylor Swift, a personalidade do ano

Taylor Swift foi eleita a personalidade do ano de 2023 pela revista Time. A justificativa para a escolha é o poder de causar mudanças na sociedade. “Taylor encontrou uma forma de transcender fronteiras e ser uma fonte de luz. Ninguém mais no planeta hoje consegue movimentar tantas pessoas tão bem”. A artista esteve no Brasil no fim de novembro para seis shows em São Paulo e Rio.



Caetano Veloso foi o grande homenageado do Prêmio UBC 2023, que reuniu terça-feira (5) grandes nomes da MPB. O evento realizado na Casa UBC teve apresentações de Gilberto Gil, Luísa Sonza, Criolo, Ferrugem, Paula Lima, Jão, Giulia, Jaques Morelenbaum, Tim Bernardes, Pretinho da Serrinha e Ritchie, além do próprio homenageado.

**S**e o objetivo era dar um panorama geral do assassinato mais marcante envolvendo um astro da música, a minissérie obteve êxito. A produção dissecou, de maneira competente, o acontecimento de 8 de dezembro e suas consequências. Os três episódios, chamados respectivamente “O Último Dia”, “A Investigação” e “O Julgamento”, contam, em ordem cronológica, quase tudo o que ocorreu naquele dia.

Quase, porque não menciona, por exemplo, que, na manhã de 8 de dezembro, a fotógrafa Annie Leibowitz foi ao apartamento de John e Yoko no edifício Dakota para fotografar o casal para a revista “Rolling Stone”, e clicou uma das imagens mais icônicas do rock, em que John, nu, abraça Yoko na cama. À tarde, John e Yoko foram a uma estação de rádio em Nova York, onde John deu o que seria sua última entrevista. “Minha obra só vai terminar depois que eu estiver morto e enterrado, e espero que isso demore muito a acontecer”, disse.

Enquanto isso, na frente do edifício Dakota, um dos porteiros, Jay Hastings, percebe a presença de um sujeito “estranho” e que lhe chama a atenção. “Eu perguntei o que ele estava fazendo ali”, diz o porteiro, “e ele respondeu que só queria o autógrafo de John. Lembro que ele disse que nem gostava muito da música do John, mas que era um colecionador e que colecionava, entre outras coisas, borboletas”. O sujeito era Mark David Chapman.

À noite, John e Yoko foram ao estúdio para uma sessão de gravação com o produtor Jack Douglas. O disco deles, “Double Fantasy”, havia sido lançado 20 dias antes, e marcou a volta de Lennon à música depois de cinco anos em que passou cuidando do filho Sean. O casal estava ansioso para gravar outras canções. Naquela noite, com Douglas, trabalharam na faixa “Walking on Thin Ice”. Na volta da gravação, na entrada do Dakota, John foi baleado por Chapman.

“Ele passou correndo por mim e disse: ‘Levei um tiro’. Ele tinha sangue saindo da boca. E então simplesmente caiu no chão”, diz Hastings em um dos episódios. “Eu o vi de costas, tirei os óculos e coloquei-os



Lennon e Yoko Ono nas proximidades do Edifício Dakota

## Série dissecou o crime de maneira competente

sobre a mesa. E Yoko estava gritando: ‘Chame uma ambulância, chame uma ambulância, chame uma ambulância.’”

A minissérie entrevista testemunhas do crime, incluindo os porteiros e um taxista que estava levando dois passageiros para uma festa no edifício Dakota. Mas o relato mais comovente é o de uma enfermeira do Hospital Roosevelt, para onde John foi levado, e que teve de dar a Yoko a notícia da morte de John.

“Tivemos a ajuda de uma equipe grande e competente de pesquisadores”, diz Rob Coldstream, “e eles vasculharam todos os arquivos de emissoras de rádio e TV, atrás de imagens da cobertura da morte de John. Procurávamos, especialmente, o material bruto, sem edição, e não apenas as imagens que foram ao ar. Conseguimos, nesse material bruto, algumas coisas muito especiais.”

Uma das imagens de bastidor mais impressionantes mostra uma conversa entre dois apresentadores de uma transmissão ao vivo de um

jogo de futebol americano que ocorria naquela noite. Os dois discutem se deveriam divulgar, ao vivo, a morte de John Lennon. Eles decidem que sim, e um dos apresentadores revela a trágica notícia aos telespectadores.

Os episódios seguintes também trazem elementos jornalísticos surpreendentes, em especial gravações de conversas entre o assassino, Mark David Chapman, e seus advogados, e também sessões em que Chapman é entrevistado sob efeito de hipnose.

Rob Coldstream diz que, por razões legais, não pode revelar detalhes sobre como a produção teve acesso a esse material, mas que eram fitas que estavam “há quatro décadas fechadas numa caixa”.

As conversas mostram um Chapman instável, numa hora falando coerentemente sobre o crime, e em outras parecendo mentalmente perturbado e dizendo coisas agressivas e sem sentido: “Ele (Lennon) era a pessoa mais falsa que já pisou na Terra!”

Por Rodrigo Fonseca  
Especial para o Correio da Manhã

**A**gendado para ser exibido na TV no próximo dia 17, às 22h, no Telecine Cult, “Os Fablemans” é um dos dez longas-metragens escalados para o panteão dos melhores filmes do ano da revista “Cahiers du Cinéma”, encarada desde a década de 1950 como a Bíblia da cinéfila.

Foi em suas páginas que um americano de Cincinnati, Ohio, hoje com 76 anos, chamado Steven Allan Spielberg começou a construir seu prestígio mundial a partir do fenômeno “Tubarão”, em 1975. Como o filme sobre a família Fableman – indicado a sete Oscars – é uma autobiografia dele, sua presença não poderia ficar de fora da votação anual de um periódico por onde passaram François Truffaut e Jean-Luc Godard.

No streaming, já é possível se deliciar como esse drama de tom confessional: ele pode ser visto por assinantes da Amazon Prime e da já citada Rede Telecine, e pode ser alugado no YouTube Play, Google Play Filmes e Apple TV.

É uma forma de garantir sobrevida a um projeto que não teve, na indústria exibidora, o êxito esperado. Nem de perto aliás. Sua receita foi um fiasco, sobretudo se comparada ao histórico de seu realizador.

Embora tenha recebido indicações a 275 prêmios e conquistado o disputado People’s Choice Award do Festival de Toronto, onde fez sua estreia, “Os Fablemans” não levou nenhum Oscar para casa, contentando-se com dois Globos de Ouro, o de Melhor Filme e o de Melhor Direção. O orçamento do longa foi de US\$ 40 milhões e sua bilheteria global foi de US\$ 45,6 milhões, ou seja, ficou bem aquém de dar lucro, pois, em Hollywood, um filme só começa a lucrar depois de faturar cerca de três vezes o que gastou para ser rodado. Spielberg já falhou antes, vide “1941: Uma Guerra Muito Louca” (1979) ou “Hook – A Volta do Capitão Gancho” (1991). Mas o fiasco mais recente envolve sua própria história, seu legado. E que legado!



Divulgação

‘Os Fablemans’, painel autobiográfico de Spielberg integra a lista da Cahiers du Cinéma

# Até Spielberg precisa de segunda chance

Fracasso em circuito, ‘Os Fablemans’, filme mais autobiográfico do cineasta, ganha sobrevida no streaming e entra na lista dos dez melhores longas do ano da revista ‘Cahiers du Cinéma’

Estabelecer-se como rei de um gênero, como Spielberg conseguiu se sagrar no seio da aventura (sempre numa mescla com a fantasia), é uma tarefa árdua, porém é ainda mais desafiador quando um cineasta com uma maestria desse porte se propõe a arriscar sua criatividade em filões variadas – sobretudo num momento de maturidade.

Porém, poucos são os artesãos autorais da imagem que se jogam na pluralidade de registros dramaturgicos como Spielberg – hoje debruçado sobre uma releitura do thriller “Bullitt”, de Peter Yates, de 1968 – faz, indo da fábula (“E.T.”) à épica do assombro na História (“A Lista de Schindler”). Nos últimos anos, o realizador de “Jurassic Park” (1993) gravitou pelas ver-

tentes mais inusitadas do cinema pop, com passagens recentes pela sci-fi (“Jogador Número Um”) e pelo musical (“West Side Story”). Comédia ele fez (o já citado e desastrado “1941”), drama ele emplacou (“A Cor Púrpura”) e há, em seu futuro próximo, um projeto de diálogo com as HQs, por meio de “Black Hawk”, da DC Comics. Faltam-lhe ainda alguns outros veios, mas o da autobiografia ele acaba de realizar com o encantador “Os Fablemans”.

Espécie de “Cinema Paradiso” pipoca, o novo e tocante longa do campeoníssimo de bilheteria é uma homenagem à arte de filmar e, também, uma triagem de todos os processos que sua geração tomou para fundar uma nova es-

tética a partir de uma vivência de sala de projeção, como espectador. Ele apenas troca o sobrenome de Spielberg pra Fableman e elege Gabriel LaBelle para ser seu alter ego de juventude. Michelle Williams dá um contorno de excentricidade à jovem matriarca de uma família judaica oprimida em seu lugar de controle de uma casa e de um clã. Mas é Paul Dano que mais e melhor brilha no esforço de contenção ao criar um pai submisso a deveres e a um projeto de família feliz. Projeto que se alinha ao espectro de um american way of life em ruínas apontado pela horda de diretores com quem Spielberg se alinhou nos tempos da chamada Nova Hollywood.

O melhor caminho para que

se entenda a grandeza de “Os Fablemans” – iluminado de modo apolíneo por Janusz Kaminski – é realizar um balanço geracional do tempo no qual ele se formou. Houve uma vez um verão, o de 1967, no qual o cinema americano engajou-se numa bossa nova para seus padrões, diante de dois filmes “Bonnie & Clyde - Uma rajada de balas”, de Arthur Penn, e “A primeira noite de um homem”, de Mike Nichols.

Em ambos, dois diretores com experiências em outras mídias (Tv e teatro) contextualizaram a juventude dos EUA sob uma ótica alarmista de percepção do cerceamento moral e da violência das instituições, seja pela carece da Família seja no chumbo quente do Estado. Dali pra frente, a filmografia da pátria de Uncle Sam tomou uma curva à esquerda, imbuindo-se do espírito cinemanovista – aquele que pariu François Truffaut, embalou Marco Bellocchio, ninou Polanski, pôs Glauber Rocha para arrotar – para tirar cascas das feridas nas veias abertas da América profunda.

Naquele momento, uma trupe formada por Francis Ford Coppola (“O Poderoso Chefão”), Brian De Palma (“Carrie, a Estranha”), Peter Bogdanovich (“A última Sessão de Cinema”), Bob Rafelson (“Cada um vive como quer”), Bob Fosse (“Cabaret”), Shirley Clarke (“Portrait of Jason”); Jerry Schatzberg (“O espantalho”), Hal Ashby (“Muito além do jardim”), Elaine May (“O rapaz que partia corações”), George Lucas (“Star Wars”), ao lado do documentarista Peter Davis (“Corações e mentes”) e dos ficcionistas mais experientes Robert Altman (“M.A.S.H.”), Sidney Lumet (“Sérpico”), Sydney Pollack (“A noite dos desesperados”) e (por que não?) Woody Allen (“Noivo neurótico, noiva nervosa”), trouxe para o primeiro plano da tela as varizes éticas que impediam a oxigenação do sangue americano. É aí que Spielberg entra – e com força total.

Os heróis de “The Fablemans” são pessoas que sofrem, choram, encantam-se, amam, erram na translúcida experiência do dia a dia. Que filme bonito.

Reprodução Instagram

# 'Precisa ser algo que faça sentido'

Em meio a carreira em Hollywood, Rodrigo Santoro fala sobre uma possível volta às novelas brasileiras

**O**s fios de cabelos grisalhos deixaram Rodrigo Santoro com um ar mais maduro, o que leva a um contraste imediato com o Santoro garotão da sua última novela na Globo - contando aí somente as que ele tenha participado do início ao fim.

Mesmo assim, é difícil não associá-lo a Diogo, de "Mulheres Apaixonadas", que até pouco tempo estava no ar em "Vale a Pena Ver de Novo".

Sucesso na trama de Manoel Carlos há exatos 20 anos, seu per-

sonagem era casado com Marina (Paloma Duarte), mas apaixonado mesmo pela prima Luciana, interpretada por Camila Pitanga.

De lá para cá, foram raríssimas participações em produções brasileiras. Santoro trilhou uma carreira internacional focada em filmes e séries - e pelo visto vai continuar assim. "Gosto de tele-dramaturgia e sinto saudades de fazer novelas, mas pelo tempo de gravações... É difícil para mim. Real. Precisa ser algo que faça sentido", diz o ator.

Rodrigo está no Rio após



*Santoro: 'Sinto saudades das novelas, mas pelo tempo de gravações, é difícil para mim'*

uma temporada de algumas semanas gravando na Amazônia o filme "Outro Lado do Céu", do diretor pernambucano Gabriel Mascaro ("Divino Amor" e "Boi Neon"). Antes, filmou a terceira e última temporada de "Bom dia, Verônica", da Netflix, em

São Paulo e no Rio. Nesse ínterim, gravou nos Estados Unidos e também na Europa.

"Vou seguindo (risos). Aparece um projeto aqui, outro ali e isso que o interessante. Me sinto estimulado e as pessoas falam 'você vive mundo afora, né?'. Eu

digo que moro onde está o trabalho". Fazer planos ele até faz, mas nada que não possa mudar de uma hora para a outra. "A vida tem sua própria dinâmica e eu vivo um dia após o outro", afirma. "Não gosto de ficar idealizando e romantizando."

# Rodrigo Faro nega ter recebido proposta da Globo

Apresentador diz em entrevista que não conversa com ninguém enquanto estiver sob contrato

Rodrigo Faro renovou seu contrato com a Record por mais um ano. O apresentador foi quem contou a novidade em entrevista ao programa A Tarde é Sua Rede TV), comandado por Sônia Abrão, e aproveitou para dissipar os rumores que tenha recebido um contato da Globo para trocar de

emissora.

"Continuo na Record. Tenho mais um ano de contrato. A gente renovou agora. Depois disso, entrego na mão de Deus se é para continuar por lá ou se é para ir para outra emissora", explicou Faro.

O apresentador acrescentou



Divulgação/Record TV

*Rodrigo Faro afirma que pretende respeitar o contrato com a emissora de Edir Macedo até o fim*

que pretende respeitar o contrato com a rede de Edir Macedo até o fim. "Se um dia vier o convite de qualquer outra emissora, seja

a Globo, o SBT, a Band ou outra, vou conversar, mas depois que o meu contrato com a Record acabar", avisou.

Rodrigo, então, comentou que a favor da transparência e da ética nas relações profissionais. "A gente tem que ter ética de vestir a camisa de uma casa e trabalhar por ela", acrescentou durante a entrevista.

Faro, que recentemente atuou no filme "O Sequestro" interpretando Silvio Santos, também falou sobre os rumores recentes de que estaria em negociações avançadas com a Globo. Ele deixou a emissora em 2007, após 10 anos de casa, e assinou com a Record no ano seguinte.

"Não houve nenhum contato. Tive uma história linda na Globo, mas estou muito feliz na Record hoje", descartou o artista que desde 2014 apresenta o Hora do Faro - com o qual já venceu por cinco vezes consecutivas o Troféu Imprensa na categoria Melhor animador ou apresentador de TV - aos domingos na grade da emissora de Edir Macedo.

# Um corpo QUE SE questiona

**C**oreografado e interpretado por Tiago Oliveira e sob a direção de Igor Lopes e Suelen Cristina, o espetáculo solo de dança contemporânea “Quem Nos Protege, Se Não Nós?” estreia nesta quarta-feira (7) no Mezanino do Sesc Copacabana.

Com o discurso organizado em um lugar social, partindo das experiências compartilhadas pelas pessoas que habitam esse mesmo espaço, o projeto propõe discussões sobre colonialidade, exploração do trabalho e violência no cotidiano urbano periférico, suas raízes e consequências.

As obras do artista plástico Jefferson Medeiros, que servem de inspiração para este espetáculo, também compõem a cenografia que utiliza materiais diversos de concreto a cápsulas de munição encontradas no circuito do artista ou de seus amigos e conhecidos que desejam colaborar com suas criações. “Cada obra demanda uma técnica, que por vezes precisa ser desenvolvida, portanto organizo o pensamento a partir do fazer. É a partir desse lugar social onde me encontro que produzo meus trabalhos como um discurso, uma enunciação, uma epistemologia periférica de compreensão da realidade que experimento”, conta Jefferson.

Seguindo essa premissa, o solo foi elaborado na perspectiva de um corpo preto entendendo a arte como uma prática decolonial.

A construção deste espetáculo tem o objetivo de reforçar uma atitude ativa, libertadora, transgressora, estruturada a partir da valorização de aspectos da autorreflexão, da crítica criativa e do ativismo - pontos importantes para o fortalecimento de uma resistência às representações do racismo e do colonialismo nas práticas de criação em dança. Quando se trata de arte preta e marginal em nada se pretende uma expressão neutra, ela possui uma postura contra-hegemônica que desafia e denuncia as mais variadas formas de opressão experimentadas no cotidiano

## Solo ‘Quem Nos Protege, Se Não Nós?’ inicia curta temporada no Sesc Copacabana

periférico. Por isso, esse processo artístico se dá como um grito e não busca autorização, pois é uma batalha pela existência, pela vida. Logo, é um discurso de urgência.

As perspectivas coreográficas elaboradas por Tiago Oliveira têm contribuído para problematizar o racismo por meio da dança e têm revelado uma forma de organizar processos de pensamento, criação e ativismo político através do compartilhamento de dores historicamente forjadas que revelam os abusos, as violências, as desterritorializações e as ausências do corpo preto no panorama dos protagonismos da vida social. Em seus três últimos trabalhos - “Vira-Lata” (2017), “À Margem” (2019) e “Um Estranho em Mim” (2020) - em que esteve como diretor artístico, essas perspectivas se apresentam de maneira mais enfática. E mesmo em “Vidas Secas” (2021), em que esteve como coreógrafo, Tiago Oliveira não deixou de refletir sobre sua formação profissional e sobre o fato de ser um corpo preto de procedência periférica, o que tem elaborado sentidos importantes para as reflexões em torno da cena preta carioca.

A proposta deste espetáculo surge na tentativa de criar diálogos poéticos sobre a cena preta como lugar de resistência. Um esforço de valorização destas estéticas emergentes da luta antirracista no contexto da criação em dança. A partir da exposição homônima ao espetáculo do artista plástico Jefferson Medeiros, a dramaturgia deste trabalho se concentra no tratamento de temáticas vinculadas ao racismo e no fortalecimento dos processos de conscientização e restauração das poéticas pretas.



**Exploração do trabalho, colonialidade e violência urbana se relacionam no espetáculo encenado por Tiago Oliveira**

lecimento dos processos de conscientização e restauração das poéticas pretas.

A composição cenográfica será feita com as obras do Jefferson Medeiros, que irão se expandir até o foyer do Mezanino do Sesc Copacabana.

A concepção e interpretação deste projeto são do bailarino e coreógrafo carioca Tiago Oliveira, que vem se fortalecendo no universo da dança com uma trajetória de sucesso de seus espetáculos.

“Quais estratégias de composição que outros artistas negros estão desenvolvendo para problematizar a questão da discriminação ra-

cial? Que tipos de plataformas pesquisadores e artistas negros estão construindo para dar visibilidade às suas produções cênicas? Como o fato de ser negro alimenta as produções de outros artistas?”, questiona Tiago.

### SERVIÇO

QUEM NOS PROTEGE, SE NÃO NÓS? Mezanino – Sesc Copacabana (Rua Domingos Ferreira, 160)

De 7 a 17/12, de quinta a domingo (20h30)

Ingressos: R\$ 30, R\$ 15 (meia) e R\$ 7,50 (associado Sesc)

Kim Leekyung/Divulgação



Com sua destacada atuação, Beth Zalcman venceu o Prêmio Cenym de Melhor Atriz pelo espetáculo

# A voz firme de Helena Blavatsky, um farol de conhecimento

Importante pensadora do final do século 19, a russa Helena Petrovna Blavatsky (1831-1891) buscou ampliar o diálogo entre religião e ciência, influenciando personalidades de diversas áreas do conhecimento. Sua vida e obra inspiraram o monólogo “Helena Blavatsky, a voz do silêncio”, estrelado por Beth Zalcman, sob a direção de Luiz Antonio Rocha, com texto de Lucia Helena Galvão, filósofa, professora, escritora, poetisa e palestrante em sua primeira incursão na dramaturgia.

Há um ano em cartaz em diversas cidades brasileiras, a peça encerra temporada,

neste sábado (9), no Teatro dos Quatro, no Shopping da Gávea. Até agora, cerca de 40 mil espectadores já assistiram e se emocionaram com a atuação de Beth Zalcman, vencedora do Prêmio Cenym de Melhor Atriz pelo espetáculo.

“Assim como alcançamos espectadores em todo o mundo com as apresentações virtuais, a versão presencial tem atraído muita gente de vários estados brasileiros e até do exterior. Recentemente recebemos um grupo da Holanda”, conta Luiz Antonio Rocha sobre o sucesso da montagem. “Recebemos também muitos retornos de gente falando na importância de um es-

petáculo que se debruça sobre a alma humana, que traz à tona nossos sentimentos mais essenciais”, completa.

Helena Blavatsky foi, antes de tudo, uma incansável buscadora de sabedoria antiga e atemporal, revolucionando o pensamento humano. Sua vasta obra influenciou cientistas como Einstein e Thomas Edison; escritores como James Joyce, Yeats, Fernando Pessoa, T. S. Elliot; artistas como Mondrian, Paul Klee, Gauguin; músicos como Mahler, Jean Sibelius, Alexander Criabrin; além de inúmeros pensadores, como Christmas Humphreys, C. W. Leadbeater, Annie Besant, Alice Bailey, Rudolf Steiner e Gandhi.

“Considerando que vivemos num período de caos mundial (vide as guerras atuais), no qual o fundamentalismo, as tecnologias e as crises políticas e climáticas do planeta invadem nossa dignidade com tanta violência, resgatar os pensamentos de Blavatsky é de extrema importância”, afirma Luiz Antonio Rocha. “Segundo Blavatsky, nada pode afetar a um homem ou a uma nação sem que afete a todos os homens e a todas as nações”, completa o diretor.

“Interpretar Helena Petrovna Blavatsky é mergulhar no improvável, no intangível. Nada mais desafiador para uma atriz realizar um texto que demanda extrema sensibilidade, concentração e imaginação, e transporta a plateia para um universo de possibilidades”, define a atriz Beth Zalcman. “Desde o início da minha busca pelo conhecimento através da filosofia, me deparei com pensadores que dedicaram suas vidas a buscar, compilar e transmitir ideias que entrelaçam nossas vidas e compõe parte do que somos. Esta peça é uma forma comovida e contundente para homenagear esta mulher tão especial”, conclui a autora Lucia Helena Galvão.

A encenação propõe uma dramaturgia inspirada no “sfumato”, de Da Vinci. A montagem procura levar o público do irreal ao real, das ilusões à verdade espiritual, da ignorância à sabedoria que ilumina o propósito da existência. A direção de arte, cenário e figurinos foram baseados em algumas pinturas do artista impressionista Édouard Manet.

## SERVIÇO

HELENA BLAVATSKY, A VOZ DO SILÊNCIO

Teatro dos Quatro (Rua Marquês de São Vicente, 52 - 2º Andar – Shopping da Gávea)

Até 9/12, sexta e sábado (20h)

Ingressos: R\$ 120 e R\$ 60 (meia)

Visto por quase 40 mil pessoas em mais de 100 apresentações pelo país, monólogo encerra temporada nos palcos do Rio

# Nem sim, nem não...

Por Cláudia Chaves  
Especial para o Correio da Manhã

O dilema do heterossexual branco de elite é parodiado em “Muito Pelo Contrário”. O texto de Antonio Prata, com direção de Wilma Melo e Victor Garcia Peralta e protagonizado por Emilio Orciollo Netto, traz à luz a saga de um herói transmutado em pai de primeira viagem, durante a pandemia.

Está tudo lado a lado com descrição fidelíssima: o novo papel, o exercício das funções anteriormente



*Emilio Orciollo Netto vive as peripécias de um pai de primeira viagem em plena pandemia*

relegadas às mulheres, os desejos de todos os tipos, inclusive sexuais.

A direção de Wilma e Victor dá uma movimentação ao texto que amplia as “confusões” do estado de alma do personagem. Nada é gratuito e, muito menos, exagerado. É a medida correta para provocar o interesse da pla-

teia naquilo que Emilio fará ou deixará de fazer. O ator ganha um patamar muito interessante: as piadas são cortantes, mas não se faz naquele tom pastelão de comédia.

O cenário é muito interessante com uma profusão de roupas de bebê, todas brancas o que ilu-

mina o palco, transformadas em bandeirinhas. Ao mesmo tempo, o clima festivo de inspirado pelas bandeirinhas é a mostra da repetição infinita, cansativa da vida comum. É a aparente vida sem graça que, durante a peça, muda de ponta a cabeça. Mais não conto, porque é sem spoiler.

## SERVIÇO

### MUITO PELO CONTRÁRIO

Teatro dos Quatro  
(Shopping da Gávea - Rua Marquês de São Vicente, 52/2º piso)  
Até 14/12, às quintas (20h)  
Ingressos: R\$ 100 e R\$ 50 (meia)

## CRÍTICA / TEATRO / À SOMBRA DO PAI

# Com direito a vale night

A primeira grata surpresa quando se chega à EcoVilla Ri Happy dentro do Jardim Botânico, para assistir À sombra do pai, é o vale night na Casa EcoVilla Ri Happy, o primeiro local do Brasil destinado a adultos que desejam ir ao teatro e precisam de um local seguro, que ofereça uma programação divertida, pensada especialmente para seus filhos, onde as crianças possam ficar durante o período de lazer dos pais.

Despreocupados, encontramos um Pedro Cardoso, explodindo de alegria, para receber a plateia. A partir daí acontece

uma sucessão de ininterruptas gargalhadas. A comédia, dirigida por Pedro Cardoso, apresenta o ator em cinco personagens que são ao mesmo tempo arquétipos e estereótipos.

A construção do texto envolve dois procedimentos muito criativos: o primeiro é o tempo típico. As ações dos cinco tipos começam e terminam no mesmo ponto. O outro procedimento que os mesmos fatos são vistos por cada um dos pontos de vista.

A inteligência do texto, da movimentação é da graça plena. E aí nos vemos obrigados a pensar. Pedro, volte sempre.



*‘À Sombra do Pai’ marca a volta de Pedro Cardoso ao teatro após quatro anos*

Helem Duruth/Divulgação

## SERVIÇO

À SOMBRA DO PAI  
EcoVilla Ri-Happy  
(Rua Jardim Botânico, 1008)  
Até 10/12, sexta e sábado (20h) e domingo (19h)  
Ingressos: R\$ 100 e R\$ 50 (meia)

ENTREVISTA / HENRIQUE RODRIGUES, ESCRITOR

# 'Temos uma sociedade arcaica em muitos aspectos'

Mônica Ramalho/Divulgação

**S**emifinalista do Prêmio Jabuti 2023, o escritor carioca Henrique Rodrigues acaba de lançar "Áurea" (Estrela Cultural), a partir de episódios da vida de sua tia, também batizada com o nome da Lei que, assinada em 13 de maio de 1888, pôs fim à escravidão no Brasil. No romance, Áurea é uma mulher beirando os 60 anos que, ao receber o diploma escolar, rebobina as suas vivências desde a infância e toda a luta que forjou para sobreviver em meio ao racismo, ao machismo e à pobreza.

A fagulha para escrever o romance foi uma conversa. "Quando minha mãe contou que a tia Áurea temia entrar em shoppings e lojas de departamentos por achar que seria acusada de estar roubando", conta Henrique em conversa com o Correio da Manhã.

**Qual fagulha fez você escrever "Áurea"?**

**Henrique Rodrigues** - Quando minha mãe contou que a tia Áurea temia entrar em shoppings e lojas de departamentos por achar que seria acusada de estar roubando aquilo me deu uma tristeza - e um clique.

**A história é inspirada na sua tia. A vida dela foi sofrida assim, nessa medida, ou você trouxe outras histórias ouvidas por aí para criar a personagem?**

A vida dela foi mais ou menos desse jeito que está no livro. Ouvi outras histórias parecidas, inclusive de mulheres que tiveram que começar a trabalhar como empregadas ainda mais cedo, aos 8 ou 9 anos.

**Você toca em questões como estupro, abandono parental, preconceito por ser uma mulher a criar dois filhos sozinha. Como foi para você escrever no feminino?**

Foi uma relação de alteridade e empatia. Vestir essa perspectiva da narradora foi bem difícil em vários momentos. Parava a escrita chorando muito, mesmo porque sei que estava falando de algo tão comum a tantas mulheres no Brasil.



**“Gosto de trazer a voz dos chamados invisíveis sociais para dentro da literatura”**

Henrique Rodrigues

**O livro seria também uma denúncia das agressões que sofrem as domésticas pretas no nosso Brasil?**

Temos uma sociedade arcaica em muitos aspectos. A agressão a mulheres parece ter sido, até há bem pouco tempo, algo plenamente aceitável, especialmente as pretas. Precisamos mostrar, escrever e gritar que se trata de um absurdo.

**A trama inclui os revezes que o país sofreu nos governos Collor e FHC, ecoando**

**Lula. Fala sobre isso?**

Na verdade, a trama pega desde a ditadura, recortando como todas as mudanças de governos ecoaram nas pessoas mais pobres, pois o que se acompanhou na mídia foi sempre na perspectiva de uma classe média. Naturalmente há um alento com a recente melhora de condições de vida dos mais pobres deve ser celebrada, sobretudo no acesso à educação dos governos Lula.

**Eliana Alves Cruz e Kiusam de Oli-**

**veira, duas importantes autoras negras, elogiaram "Áurea" em frases usadas na contracapa. O que você mais gosta nesse romance?**

Sou muito admirador dessas duas autoras. Aprendo a cada vez que as leio ou quando conversamos sobre os bastidores da literatura. De certa forma, elas têm me ensinado a observar com mais cuidado a situação das mulheres pretas no Brasil. Então, o que mais gosto é justamente prestar essa homenagem a todas elas.

**Vamos falar sobre a crueldade da patroa que, apesar de atuar como professora, não permitia que Áurea folheasse os livros da sua biblioteca?**

É uma crueldade que existe muito ainda. Talvez o campo simbólico da biblioteca da personagem tenha refletido um medo que as elites têm de que os subalternos acessem a educação e o conhecimento, que são as reais chaves para a liberdade do povo negro.

**Você é filho de uma empregada doméstica. O que mais tem da sua história no livro?**

Como se costuma dizer, tudo é biografia e nada é biografia. Mas posso citar uma cena que minha mãe sempre me contou e que ainda me corta o coração: no pouco que ela conseguiu estudar na infância, o caderninho e o lápis eram levados para a escola num saco de arroz...

**A pobreza pode ser motor de todo o tipo de destino?**

A pobreza é um ponto de partida, não de chegada. Já perdi parentes para o tráfico, por exemplo. É um problema complexo e sedutor para jovens a quem não são dadas as oportunidades a que eles têm direito. Pior que a pobreza é quando a gente entende toda a engenharia social da manutenção da pobreza. Ela é que deve ser atacada na sua raiz.

**Por que você escreveu este livro?**

Escrevi porque gosto de trazer a voz dos chamados invisíveis sociais para a literatura. Sou um escritor de origem pobre, e pelo que tenho acompanhado no meu trabalho como gestor cultural, as grandes histórias do nosso tempo serão contadas por uma parcela da população que, pela primeira vez na história, tem acesso aos meios de expressão. Seja nos saraus ou na literatura impressa, é hora de os filhos das empregadas deixarem suas mães orgulhosas contando as nossas histórias para o mundo!